

368

O que imaginara eu? O tempo como um carrossel pronto para o salto de entrada e de saída? Que o ano é como uma corrente a fluir sob o meu 18 de novembro?

Estou sentada à janela do quarto 16 do Hôtel du Lison. Tenho coleccionado os dias. 365 dias de novembro. Mas que préstimo pode ter tal? Como se uma acumulação de dias outonais pudesse perfazer um ano. E que préstimo pode ter andar às voltas no final de um ano destes, pronta para dar um salto? Ou um mergulho? Um ano à espera para depois voltar a ser 18 de novembro e conseguir escapar à repetição no lugar onde havia entrado. Foi isto que eu imaginei? Um 18 de novembro de portas abertas e passagem livre para um tempo reconhecível? Talvez. Mas as coisas não se passam assim.

Ando às voltas no meu 18 de novembro. Tenho estado à espreita de uma saída, mas não há qualquer saída. Andei em busca de diferenças, mas não há quaisquer diferenças. É o mesmo dia, e agora não sei como pude acreditar que sob todos os meus dias jaz um ano normal com um novo 18 de novembro que lentamente se aproxima. Como se uma cronologia verdadeira encontrasse um lugar nas profundezas, como se todas as minhas repetições fossem apenas a superfície e o ano real rastejasse para se abrigar sob uma

sequência de dias 18 de novembro. Como se um novo 18 de novembro quisesse emergir no final deste ano para me vir buscar. Ou passasse, mas eu pudesse saltar durante o seu curso e sair do meu turbilhão de repetições. Como se surgisse uma tábua de salvação a flutuar, um novo 18 de novembro capaz de me salvar deste meu mar de repetições, um pedaço de madeira a boiar que eu pudesse puxar para a ele me agarrar até chegar a terra-firme, até dar à costa num 19 de novembro, um dia com um jornal novo a acompanhar o café, uma nova rececionista atrás do balcão, uma manhã sem chuva. Ou com chuva torrencial, inundações, trovões, neve, fosse o que fosse, bastaria que fosse diferente. Como se o meu 365.º dia fosse um desfecho mágico e não um mero número numa sequência infinita. Como se o meu 366.º dia fosse um novo começo, um novo 18 de novembro. Dando passagem para o dia 19. E para o dia 20. Como se houvesse uma saída e não meramente um dia que desaparece para novamente dar lugar ao 18 de novembro seguinte e de novo ao dia seguinte, ao dia número 367 e ao dia número 368 e, amanhã, ao 369.

Se nada acontecesse, a sequência tornar-se-ia infinita. Nada aconteceu e a sequência é infinita. Não foi um 18 de novembro novo e diferente o que chegou, não ressumbrou uma cronologia mais verdadeira emergindo das profundezas, não passou qualquer tábua de salvação a flutuar, não arribei à costa no dia 19 de novembro e não se vislumbra qualquer modificação.

Ontem acordei cedo. Caí num sono profundo depois da chegada ao hotel, esgotada depois dos meus dias de ansiosa espera por um dia de novembro novo e diferente. Acordei sobressaltada e reparei imediatamente na caixa com o sestércio romano que Philip Maurel me havia dado. Estava dentro do saco junto da almofada e lembrei-me do que acontecera: encontrara-me com Philip e tinha ido com ele à sua loja. Philip e Marie tinham-me mostrado o seu novo apartamento. Lembrei-me de como deambuláramos por entre os haveres da anterior proprietária. Contara-lhes tudo: que o tempo se

despedaçara, que eu tinha esperança de regressar a um tempo reconhecível. Despacharam-me dali para fora com um sestércio romano num saco.

Levantei-me imediatamente da cama, vesti-me e desci até à recepção. Não sabia que horas eram, mas já se podia consultar os jornais e eram os mesmos jornais. Do dia 18. Novinhos em folha e incólumes. Na sala de pequenos-almoços o café começara a correr nas máquinas, as mesas estavam postas e o pessoal estava ocupado a dispor pão e *croissants* em tabuleiros e cestos. Sentei-me na esperança de que alguma coisa fosse diferente dos outros dias de novembro, mas não registei diferença nenhuma e depressa constatei que a manhã se repetia. Vira rostos e movimentos bem conhecidos. Vi uma fatia de pão cair ao chão, como que flutuando, caindo levemente. Era outra vez dia 18. Obviamente que era.

Durante todo o dia, desde que acordara até me deitar para dormir à noite, aconteceu tudo rigorosamente como nos outros dias, um dia repleto de reconhecimento e, quando acordei na manhã seguinte, era novamente 18 de novembro. Sem diferença alguma. Nada me impedira de entrar no ano n.º 2, melhor dizendo: eu chegara ao dia 18 de novembro # 368, num tempo sem anos nem estações, um tempo sem semanas nem meses, sem mais nada além de um único dia que é recorrente, e só me resta imaginar que assim continuará a ser. Não sou capaz de imaginar outra coisa. É um erro que não pode ser corrigido. Vem a manhã, vem a tarde, vem a noite e vem novamente a manhã, o mesmo dia.

Estou sentada no quarto 16 do Hôtel du Lison. Hoje ainda não tomei o pequeno-almoço. Não passei da recepção, dei uma olhada nos jornais e voltei atrás, de regresso ao quarto. Não quero ver fatias de pão flutuando até caírem ao chão.

369

Hoje acordei muito antes de o dia clarear. Acordei com o canto da caixa do sestércio a enfiar-se na minha face. Continua dentro do respetivo saco junto da minha almofada, devo ter-me deitado em cima do saco durante o sono, mas agora que estou acordada levanto-me e saio para a escuridão da manhã e continua a ser dia 18. Não passou a ser dia 19 nem dia 20, e nem passou para o dia 21, e porque haveria de passar?

Era demasiado cedo para me levantar, mas mesmo assim arranjei-me. Calcei as botas, apertei o casaco, peguei na minha mala que estava no chão e antes de sair tirei a caixa com o sestércio do saco que estava em cima da cama, retirei a moeda da caixa, metia-a no bolso e deixei a caixa e o saco em cima da mesinha. Levei a chave comigo, a receção estava vazia, e saí caminhando na escuridão por entre as ruas quase desertas.

Quando depois de umas duas horas regressei ao hotel, já amanhecera e passava pouco das sete horas. Fui buscar uma chávena de café ao bufete e levei-a comigo para cima e, agora, estou sentada à mesinha do meu quarto. Sei que o 18 de novembro continua, não sei o que hei de fazer com o dia, mas agora sei o que me espera. O 18 de novembro, é isso que me espera.

374

Percorro as mesmas ruas todos os dias. Percorro o boulevard Chaminade e atravesso a passage du Cirque. Meto pela praceta antes de chegar à rue Renart e prossigo pela rue Almageste. Sento-me num café ou num banco no parque.

Não há qualquer mudança e nada há que eu possa fazer. Não há livros para comprar, não há leilões em que participar, não há ami-

gos a visitar. Não tenho qualquer padrão de ruído e silêncio que organize o meu dia, não tenho quaisquer planos, não tenho qualquer calendário. O tempo passa, mas limita-se a derramar um dia atrás do outro no meu mundo, não se dirige a lado nenhum, não tem paragens ou estações, apenas esta cadeia infinita de dias.

Passo pelos alfarrabistas no quarteirão, mas não entro. Olho os livros nas montras, fico um pouco hesitante, mas depois continuo a andar. Alargo os meus circuitos e descubro outras ruas. Na rue d'Ésope, paro diante de um alfarrabista que não conheço. Senti vontade de entrar e ver de perto umas obras que estavam na montra, mas fiquei na rua. Não tenho nada para fazer lá dentro, a loja pertence ao passado e eu já não sou T. & T. Selter.

Passei junto ao estabelecimento de Philip Maurel e fiquei diante da montra algumas vezes, a dar uma olhada para dentro da loja. Faço isso quando Marie está sozinha, não quero ser reconhecida, sei quando Philip entra e sai e não desejo encontrá-lo.

Ainda tenho o sestércio. Está no bolso do meu casaco e Marie dispôs uma outra moeda no balcão. Ontem à noite, quando me deitei para dormir, esqueci-me de tirar a moeda do bolso e de a pôr debaixo da almofada, porém, quando acordei de manhã, a moeda continuava no bolso. Sinto que está lá, enquanto circulo pelas ruas. Se eu tivesse um cão, poderia dizer que andava a passear o cão. Dá-se que agora ando a passear uma moeda romana. Uma estranha companhia.

376

Sente-se nas ruas. Um vazio. Como se algo tivesse desaparecido. Sinto-o na gravilha da rue Desterres e quando atravesso a correr a rue Almageste. Uma condensação que se desfaz. Agora com menos pormenores. Sente-se de uma maneira concreta, quase física,

como se o trânsito se tivesse sumido, como se os transeuntes se tivessem ido embora, como se a luz e os sons se tivessem alterado, como se a distância entre as casas se tivesse dilatado e as ruas tivessem alargado, mas sei bem que nada mudou, continua a haver gente e continua a haver trânsito, nem os sons nem a luz se alteraram. Sou eu que nada mais tenho para fazer aqui. Ando pelas mesmas ruas, mas só reproduzo rotinas e velhos hábitos. Sempre tive bons motivos para estar aqui, mas agora sinto que estou a mais. Ando às voltas pela cidade sem ter outra tarefa além da minha passagem de um dia para o outro. Limito-me a ser uma pessoa que circula pelas ruas, talvez nem sequer seja uma pessoa, talvez seja antes um animal de uma espécie que nem caça nem é caçado, que nem está faminto nem está saciado, simplesmente um ser que vagueia ao longo do casario.

378

A manhã ia alta quando hoje acordei e já era de tarde antes de eu sair. Segui por um outro percurso que não o habitual, mas fui novamente tomada por aquela sensação, uma forma de vazio, como se faltasse alguma coisa.

Enquanto circulava pelas ruas, comecei a sentir-me tonta. Tinha frio e olhei em volta para encontrar um sítio onde entrar, mas parecia não haver lugar. Não havia sítios óbvios onde pudesse entrar, lugar nenhum onde me restabelecer e onde simplesmente me recolher durante algum tempo. Olhei à minha volta à procura de um jardim ou de um banco, mas não havia qualquer lugar adequado para mim. Os lugares onde eu costumava ir tinham um ar pouco simpático e fechado. Não havia bancos ou cadeiras de café que os meus olhos alcançassem e que fossem para mim. Nem calçada ou passadeira em que conseguisse acertar o passo. Sentia-me deslocada, um corpo estranho. Não pertencia ali e nada havia que eu pudesse fazer.